

Tendências atuais da Geografia¹

Armen Mamigonian²

Ao discutirmos a temática proposta corremos vários riscos, o mais grave dos quais seria o de imaginar a crise da geografia, seus dilemas, sua renovação (visivelmente em andamento), suas perspectivas, como fenômenos isolados das demais ciências (e ramos do conhecimento em geral), dos sistemas econômico-sociais em conflito (capitalismo e socialismo basicamente) e até a própria crise da civilização deste final de século XX.

I

Aliás, é importante assinalar que não se trata da primeira crise da geografia e de suas possibilidades de renovação, com a abertura de novas tendências e caminhos. Crise, como assinalaram os gregos, é um momento relativamente curto de ruptura e sendo momento de tensão, pode forçar a redefinição do objeto, do método e do próprio significado. No caso da geografia ocorreram duas outras "crises/renovações/tendências" anteriormente a que estamos vivendo: 1) a da gênese da geografia grega (séc. V a.C.) e 2) a da gênese da geografia moderna (séc. XIX).

A ruptura grega, provocada sobretudo por Heródoto (pai da geografia e da história), repensada por Y. Lacoste recentemente, não era apenas um raciocínio estratégico (dar conhecimento aos atenienses dos perigos que os "bárbaros" representavam) ou visando a um conhecimento erudito sobre a natureza e a sociedade existentes no mundo conhecido pelos gregos (da Ibéria, à Rússia, ao Egito), mas era também uma espécie de auto-crítica, de auto-análise. Isto

¹ Prova Escrita do Concurso da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, 3 de setembro de 1990.

² Professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

é, visava entender a crise de democracia ateniense pela indagação histórica (em que medida os gregos e sobretudo os atenienses do séc. V a.C. não eram mais os gregos homéricos) e geográfica (para entender os atenienses é preciso entender os "outros", os "bárbaros"). Mas como a geografia havia nascido também matemática (mapas, coordenadas geográficas, zonas climáticas, etc.), a unidade contraditória entre social e natural provocava mais separação do que mútuo enriquecimento.

A segunda grande ruptura, correspondente a gênese da geografia moderna na Alemanha (Humboldt e Ritter) se caracterizou pela primeira grande tentativa de integrar criativamente natureza e sociedade, já que a unificação alemã exigia enorme esforço filosófico (dialética de Kant e Hegel, ambos muito interessados em geografia), político (visão ofensiva e geopolítica do mundo), antropológica-cultural (nacionalismo germânico), natural (natureza e território como potencialidade de recursos), etc. A geografia francesa (La Blache, Brunhes, etc.) corresponde a uma resposta também integrada da relação sociedade-natureza (geografia regional, gêneros de vida, etc.), mas altamente defensiva e conservadora: a tentativa de cristalização das relações entre o camponês e a natureza (gêneros de vida), já que o pequeno produtor mercantil era o aliado mais forte e conservador do capitalismo francês conformado com seu domínio nacional e internacional (império francês) limitado.

II

Qual a crise atual da geografia? E por isto, quais suas tendências atuais? A crise da geografia decorre de três grandes fontes: filosófica, metodológica e de significado. Filosófica no sentido de que a preocupação legítima de "filosofia das técnicas", que a geografia passou a ostentar desde o século XIX, como cruzamento que sempre tentou ser entre disciplinas naturais e sociais as mais variadas, perdeu legitimidade parcialmente mesmo aos olhos dos próprios geógrafos. Metodológica no sentido de que a dicotomia natural-social foi se ampliando na teoria e na prática dos

geógrafos, sem que se entendesse o processo desta crescente separação. E de significado no sentido da necessidade de redefinir o seu papel como ramo dos conhecimentos humanos, sua aplicabilidade, seu atraso diante das mudanças tecnológicas muito rápidas.

Ora, as tendências atuais procuram, muitas vezes inconscientemente, freqüentemente tateando, dar respostas às dúvidas surgidas recentemente, sobretudo após 1960-70. Por outro lado, é preciso lembrar que de tempos em tempos os ramos do conhecimento humano entram em crise. Afinal, a cosmovisão medieval e seus mapas centrados em Jerusalém e no Paraíso Terrestre não respondiam aos alargamentos das navegações e emersão de um capital comercial agressivo e carente de conhecimentos reais (donde se explica a cartografia de Mercator, aliás holandês, naturalmente).

Assim, todo o debate sobre modernismo/pós-modernismo hoje freqüentemente omite as fases materiais, sociais e políticas dos novos paradigmas em gestação (alguns dos quais velhos paradigmas travestidos de novos; como o neo-liberalismo smithiano ou a história "evennementielle"). Parece que ciclicamente é preciso recriar modernismos e paradigmas, alguns novos, sem dúvida, mas não todos.

III

As tendências atuais da geografia visam, portanto, sendo ainda hoje tentativas legítimas, mais do que novos paradigmas, dar respostas à crise de sociedade, da civilização e da própria geografia. Resumindo, poderíamos dizer que o desenvolvimento do modo de produção capitalista levou o mundo (como também o Brasil) a 1) uma mundialização econômica (não necessariamente à dissolução das fronteiras nacionais), que forçou a uma redefinição dos espaços nacionais, regionais e locais quanto aos: a) processos de suas constituições, b) seus papéis na divisão territorial e social do trabalho, c) seus novos significados e potenciais; 2) quebra da livre-concorrência, intervenção do Estado, capitalismo monopolista-

financeiro e hoje nova tendência à concorrência internacional, que provocaram: a) crises desigualmente distribuídas geograficamente, b) falência do Estado e dos setores em que atua (infra-estruturas, previdência social, etc.), como enormes repercussões espaciais, 3) desenvolvimento de novas tecnologias, tendentes à emersão de uma terceira revolução industrial e ao aprofundamento de uma sociedade crescentemente técnico-científica criando: a) tecnologias de sensoriamento remoto, satélites, computadores, etc. que criam um instrumental novíssimo para o conhecimento científico e diretamente para a geografia (cartografia, climatologia, planejamento urbano, etc.).

IV

Diante destas novas realidades é importante chamar a atenção para as mudanças e preocupações vigentes atualmente na teoria e na prática da geografia, tais como 1) uma nova tendência ao pluralismo das posturas filosóficas, 2) forte tendência à preocupação teórica, relativamente escassa não só na geografia, como na história, antropologia, etc., até recentemente, 3) preocupação em reduzir as fronteiras rígidas das disciplinas no interior da geografia e da geografia em relação aos demais ramos do saber, 4) multiplicação das linhas de pesquisa, como a revalorização de algumas esquecidas (geopolítica, por exemplo) e o surgimento de outras (percepção, por exemplo), 5) reformulações, como novos enfoques privilegiados nos seus diferentes ramos (clima urbano, espaço urbano produzido, etc.).

V

Quanto ao pluralismo das posturas filosóficas é importante chamar a atenção para duas questões fundamentais. Ela é aceita unanimemente tanto à direita (R. J. Johnston) como à esquerda (M. Santos) e aprofundada. Assim, por exemplo, o funcionalismo positivista do século XIX (grosso-modo a escala geográfica francesa do positivismo) continua ativo no mundo inteiro, a medida

que sua superação exigiria um salto político-filosófico difícil ou a adoção de uma postura tecnocrática explícita, e que não é próprio da maioria dos intelectuais. P. Claval talvez seja o melhor exemplo de sobrevivência da referida tendência, aliás com resultados importantes para o conhecimento geográfico. Não é preciso dizer, que igualmente o neo-positivismo (de abstração sobretudo matemática, e que não deixa de ser um empirismo abstrato) continua muito sólido, como no Brasil ainda pode ser em parte expressivo da produção de R. Claro (UNESP). Por outro lado, o marxismo, apesar de engatinhante, demonstra claramente que veio para ficar como está claro não só no Brasil, como nos Estados Unidos (Geografic radical/Antipode), França (Hérodote, etc.), na Itália, Espanha, etc..

Em segundo lugar ela se manifesta nas diferentes tentativas de redefinir a relação sociedade/natureza: 1) manter a natureza como base da sociedade e assim apresentar um reducionismo naturalista, 2) inverter a equação, estabelecendo a "superioridade" da sociedade e assim propor um reducionismo social ("a natureza é social", como se não existissem leis naturais), 3) dissociar os dois termos da questão ontológica e considerá-los separados e irrelevante, portanto, os inter-relacionamentos, 4) propor uma visão holística, segundo a qual é indispensável analisar os dois grandes processos, reconhecendo-os com graus de autonomia (formação sócio-espacial, conforme M. Santos, etc. e Geo-sistemas, conforme Sotchava, etc..) e de interconexão sem reducionismos pré-determinados:



VI

Naturalmente que os paradigmas de FSE e GS não impedem, muito ao contrário, estimulam o desenvolvimento de dispersões das diferentes partes componentes do todo, setorializando as pesquisas (clima, geomorfologia, pedologia, etc., por exemplo). Isto acontece pelas próprias exigências das problemáticas contemporâneas que estimulam as opções de pesquisa. Neste sentido, é evidente que o gigantesco processo de urbanização ocorrendo ao longo do século XX valorizou enormemente os estudos urbanos, sob todos os aspectos, inclusive os de clima urbano, que devem ser vinculados de um lado, no dizer de C. A. Figueiredo Monteiro (clima urbano - USP), à meteorologia e de outro à preocupação dos arquitetos urbanistas com a questão, crescentemente agravada, do conforto ambiental (térmico, sonoro, umidade, etc.). Estas intersecções aparecem, igualmente, nas técnicas de pesquisa, que podem e devem combinar, na análise do clima urbano, as imagens de satélites e as medições térmicas com termômetros simples, como fez M. A. Lombardo (Ilha de Calor - USP).

O abandono ou a negligência à prioridade do todo sobre as partes, tanto em FSE como em GS, pode levar a empobrecimentos lamentáveis. Nos mesmos estudos urbanos acima referidos a aparente adoção da categoria modo de produção pode levar a equívocos. Castels, por exemplo, reduziu a cidade a simples "reprodução de força de trabalho" (como sublinhou no seu posfácio à Questão Urbana), preocupado que estava com a questão da crise habitacional de Madrid e da Espanha franquista em geral. Posteriormente, quando passou a se interessar pelo âmago da crise urbana nos países desenvolvidos, passou a valorizar as chamadas "novas tecnologias" a partir da visão do excedente econômico, tal como a proposta de D. Harvey para os estudos urbanos, em particular as redes urbanas. Ora, o excedente econômico é uma parte importante do processo econômico, mas não decifra as inter-relações entre produção, distribuição, circulação e consumo, tão fundamentais, como perceberam os técnicos da escola da regulação (Aglietta, Boyer, etc.) e seus discípulos (A. Lipietz), que por isto

mesmo estabeleceram frutuosas relações entre economia-história-geografia.

VII

Além do processo de urbanização tão brutal como nós vivemos nas últimas décadas e intimamente acoplado a ele afloraram novas problemáticas, que estão estimulando linhas de pesquisa que já existiam, mas foram renovadas: 1) a preocupação por decifrar os processos espaciais no interior das cidades, aprofundando os conhecimentos de renda capitalista da terra (também na agricultura), sob influência marxista; 2) a preocupação por combinar desenvolvimento econômico e preservação ambiental, como nas propostas de eco-desenvolvimento (Ignacy Sachs na França, Aziz Ab'Saber no Brasil, por exemplo), procurando soluções de crescimento, com vantagens sociais (por exemplo, código de empregos) e ambientais (controle dos gases da combustão nas cidades, por exemplo); 3) a preocupação por uma geografia da percepção, cuja raiz está na crescente alienação das pessoas, incapazes de realizar "mapas mentais", mas também vinculada à psicologia comportamental, de potencial totalitário (Skinner, por exemplo) conforme seu uso. O próprio crescimento gigantesco das cidades e seus complexos industriais, como São Paulo com seus tentáculos de mais de 200 km (vide Paraíba, Anhanguera, etc.) e seus significados em força econômica, como percebido precocemente no Brasil pelo General Golbery, provocaram junto com a recrudescência dos conflitos econômico-políticos uma nova fase da geopolítica, com resultados tão ricos como aparecem em Heródoto.

Não é inútil lembrar que estes desdobramentos setoriais são perfeitamente legítimos, a visão de totalidade deve ser privilegiada sob pena de empobrecimento, como já assinalamos. Assim, os geopolíticos freqüentemente julgam necessário supervalorizar o político em detrimento do econômico, num "politicismo" que criticam no "economicismo".

VIII

Existem, como tentamos demonstrar, várias novas linhas de força na pesquisa geográfica: 1) preocupação teórica mais apurada, como demonstra "Por uma Geografia Nova" (Milton Santos); 2) pluralismo e interdisciplinaridade, como aparece em Tricart, Dresch, C. A. Figueiredo Monteiro; 3) novas temáticas e linhas de pesquisa, como aparece em geral em toda a geografia brasileira de ponta, seja física como humana.